



¹*ВЕЧНАЯ ЛЮБОВЬ – Ou para todas as estações

Erika Suellem Castro da Silva²

Chega um dia - qualquer dia nublado, com um cumulonimbus e cigarras cantando, sem muita coisa pra se pensar, sem muita gente pra se receber... Que simplesmente - as palavras cansam. Elas nos cansam e também se esgotam de nós.

Definitivamente, elas se cansaram de mim e eu... Sim, depois de alguns dias me arrastando, também me cansei das palavras. Não de todas, só de algumas. Especialmente daquelas que tentaram convencer um coração. Muito bem, que mal há em querer salvar um abraço perdido em algum dia de novembro, um aperto de mão frouxo, três dias, vinte dias... Dois meses? É... Bom... Perdão... Mas acho que preciso de algumas palavras cansadas pra essa história.

Quando eu a conheci senti que um ciclo se fechava em mim. Todos os dias até aquele dia simplesmente perderam os sabores e as cores, desbotaram fácil fácil. Ela me contou um pouco do muito que vivera. É estranho pensar que não ouvirei mais suas histórias sobre encontros casuais com artistas famosos, nem seu choro, nem sua risada. Dia desses me assustei comigo mesmo: Eu não lembrava mais de sua voz. Forcei a memória, busquei por seu tom, seu R retroflexo, suas gírias e seu jeito meigo de terminar algumas frases, mas foi em vão. Dormi com medo.

Quase dez anos se passaram depois que ela se foi e eu me pego tentando a todo custo lembrar a maneira como ela atendia aos telefonemas do escritório e de como pronunciava seu ramal – tão eficiente e tão dócil. Eu achava que minha memória não era tão curta quanto a dela. Ledo engano. Mas vai ver é um pouco de tristeza também... Sim... Sim... Eu lembro da sua polivalência. Ninguém podia acusá-la de falta de tato com a clientela. Era simplesmente a favorita. Claro, alguns questionavam sua educação e por vezes lançavam um apelido mais forte, acusando sua rispidez de bloqueio nas relações. Eu preferia entender aquilo como uma forma de se proteger. Até hoje tenho dúvidas quanto

¹ Amor eterno

² Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: erika_sue@hotmail.com



aos seus entraves, mas até onde ela me permitiu chegar, próximo de um coração fiel ao seu time de infância, eu percebera sim muita doçura. Acho que não me enganei. Havia um orgulho, mas ela sabia cuidar de nós. De todo modo, acho que ela não aceitava mudar facilmente.

Ela atravessava a cidade todo dia e sempre dizia que não sairia de lá por nada. Não queria muito da vida além de viver. Isso nem sempre é compreendido, acreditem. Dias lentos, dias parados. Longos anos. Muitas perdas. Mas também certas mudanças externas e muito a se ganhar. Vitaminas, contas, supermercado pra quase nenhuma compra, ração pro cão, consertos no carro. Outros dias. Visitas, viagens, prisões. Música soando de qualquer frase alheia. Alguma solidão.

Hoje eu seguro seu retrato com se segurasse todo o resto do mundo. Minhas mãos estão tão cansadas de tudo...

Me vejo em prantos, mas sobre isso ela se calou faz tempo. No começo não. Ela achava linda a mistura piegas da minha humanidade exagerada com a coragem de me desvincular do que me torturava. Acho que com o tempo se desencantou. Normal... É aquilo... Faz parte do que chamam de relacionamento. Talvez eu fosse apenas um holograma. Ou uma ilusão que ela quis pintar com as próprias mãos. Eu gostava delas. Ela dizia que eram proporcionais; eram simplesmente a maciez em vida. Uma vez pensei ter visto uma aliança em um de seus dedos... Nossa... Quase a perdi pra mim mesmo. Eu ainda acho que a perdi pra mim mesmo. Às vezes eu me surpreendia comigo, com tanta infantilidade... Depois percebi que ela também tinha manhas e birras. Só que hoje, no auge dos meus quase quarenta anos, sei que nada foi em vão. Quanto tempo a gente perde com coisas sem sentido quando não entendemos que é a hora do abraço? Eu precisava aprender algumas coisas e ela também. Ah, sim, bem me lembro agora... Também comprei uma aliança para um de nossos natais. Infelizmente não tive tempo de mostrar a ela... Joguei fora, como de praxe... No fundo era raiva contida.

E quando ela queria alguma coisa sabia como me convencer. Por três vezes eu tentei tirá-la de mim. Mas era impossível. Eu lembrava de sua fibra, me puxando para um sonho, para um vôo tão alto, tão hábil. Eu pensava nos seus planos mirabolantes para que sobrevivêssemos em *New York* ou na Tasmânia. Acreditei que algum dia, enfim, nós dançaríamos.



Às vezes me arrependo de não ter perguntando se ela aprendeu algo de bom comigo. Nos últimos meses não conseguíamos nos comunicar. Acho que a distância física muitas vezes aproxima as pessoas, mas não foi bem o nosso caso. Eu perdi muito tempo não prestando atenção no seu modo de me amar e me ocupando com miragens, fantasmas, pânicos. Claro que compreendo que também fui útil a ela, também causei algum bem. Não, não sou réu. Nossa história poderia ser assistida em uma tela de cinema ou mesmo ser esquecida em uma gaveta de uma cômoda empoeirada. Simples. O que mais importa é o que sabemos que sentimos e como sentimos. Eu sei que ela me desculpou. Eu também a desculpei por não me deixar usar de argumentos pertinentes para cada acusação. Eu nunca quis mudá-la, imagina. Eu tentei ajudar e era isso apenas. Se tentei trazer algumas renovações, foi porque ela me estendeu a mão e aceitou certas mudanças abertamente. Eu nunca cobrava além do que ela me permitia... Quanto exagero... Eu acabei ficando à vontade demais, eu acho... Mas se bem me lembro, foi ela quem me conduziu a isso também. Dizia se surpreender com ela mesma, aprendendo comigo, aos poucos, a ser visceral. Jamais pedi que ela negasse sua essência, porque se ela não fosse do jeito que era eu certamente não teria me apaixonado. Ah... A paixão... Muito mais do que isso, creio. Amor sem despedida.

Gostava do seu colo. Também lhe dei o meu. Certa vez ela reclamou, entre um sorriso, que eu não sabia dar muito carinho... Eu sei que não era exatamente aquilo que ela gostaria de dizer, sim, eu sei... Nos faltou apenas uma forma de interpretar cada vazão de maneira coerente, da maneira mais amiga. Ela sabia que construíamos uma espécie de harmonia singular, uma proteção de gente que confia de verdade. Parecia que o mundo lá fora nunca havia existido. Sem TV, sem telefone. Nós... Sós. Sol. Dentro de nós. Nós que não desatavam.

Mas ela cansou das palavras.

Cansou das horas do intervalo comigo, enquanto formigas brincavam em seus pés; enquanto eu corria contra o tempo e para a universidade.

Ela cansou das minhas dúvidas, penso. Talvez tenha se cansado antes de mim.

Ela cansou das músicas, das nuvens e das besteiras ao pé do ouvido. Coisas cansam. Pessoas cansam. Engraçado que apenas um cansaço de quase sete anos não havia a exaurido mais do que o nosso tempo relativamente curto, não menos intenso. Me sentia inconformado, injustiçado... Usado. Ela dizia que eu invadia seus espaços à força, mas ela



fez isso comigo sem querer e eu estranhamente me senti bem. Eu não podia dormir nas tardes preguiçosas sem aula porque precisava acompanhá-la à noite. Não sei... Acho que não entendi quase nada. Tentei buscá-la, mas ela não estava mais aqui dentro... Ela havia se misturado a mim de tal forma, que para meu coração tão bobo, eu era ela e ela era eu. Mas isso foi ela mesma quem se encarregou de me convencer. Ocupou cada poro, cada órgão e nervo. Não havia como mudar, era tarde. Eu chamava de amor o que ela teimou, por muito tempo, com um profundo desrespeito, em chamar de dependência.

Erros, muitos erros. Muita coisa dita sem pensar, inúmeras tentativas vergonhosas. Ela também me deixou bastante nervoso com algumas atitudes impensadas. Sim, ela errava, não era tão perfeita, ora bolas... Apesar da expressividade incomparável do sorriso. Me rendi ao seu jeito de sorrir com os olhos também. Mas de que adianta tudo isso agora? Ela é um retrato mofado em minhas mãos.

E chega a ser patética a maneira como me curvo diante desse pôr-do-sol, na mesma areia onde ela escreveu meu nome, quando ainda via em mim alguma coisa de esperança... Esperança que ela havia tachado de “má”, porque alimentava uma dor de anos dentro dela. Eu poderia ter sido sua liberdade. Poderia?

Então eu levanto, dou alguns passos tímidos, seguro o cordão que ela esqueceu no chão frio daquele apartamento. Ouço a voz rouca de quem veio me dar a notícia mais inesperada do ano. Não. Pra mim ela jamais morreria.

Jogo o cordão no rio. Hesito. Quem sabe se eu correr, o apanho de novo. Não, não seria justo. Eu prometi a ela, mesmo entre as bobagens mais sem graça nas longas madrugadas de sábado para domingo, que era exatamente isso que faríamos. Acho que ela não me levou a sério. Saudades do nosso jogo em que ela era entrevistada. Saudade é uma palavra que nem cabe mais. É uma daquelas palavras exaustas. Exaustas de mim e dela.

Não fujo, nem tento fugir. Fico inerte. Todos os dias lembro como ela reclamava de minha insônia e falta de apetite. “Você tem que ir ao médico”; “Você tem que cuidar dessas costas”. E eu também dizia que ela precisava fazer o mesmo... Ah... Como se servisse pra alguma coisa.

Respiro fundo... Como eu gostaria de ouvi-la cantando novamente. Engraçado... Parece que nas músicas a voz dela permanece intacta, gravada aqui na memória de uma forma inexplicável. Ah... Nossa história não tem explicação. Uma pessoa em um milhão



poderá repetir a dose. Quem sabe em outra vida... Ou talvez não. É, tenho quase certeza que fomos únicos.

Pensei em comprar um girassol, mas hoje eu só trouxe rosas vermelhas. O cemitério é um lugar com o qual ela se familiarizava. Eu agora tenho vários túmulos na cabeça também... E vir aqui, encontrá-la, é tão sagrado quanto dirigir meu carro na volta do trabalho, procurando algum lugar pra me esconder – seja entre amigos, seja no bilhar, seja em mim mesmo – e ter a nítida sensação de que nunca mais terei um lugar ao qual pertencerei. Ela é o lugar ao qual pertenço e eu acho que é por isso que preciso pronunciar seu nome completo antes de dormir e antes de levantar... Todos os dias, todas as noites. Sempre.

Por isso aqui estou, dia 15 desse mês morno. Não me perguntem o dia da semana, mas sei ... Quase dez anos se foram.

- “São pra você. Eu gostaria que o cara da floricultura fosse menos babaca e acertasse nas encomendas que eu faço... mas você sabe... eles nunca aprendem... Lembra das coloridas? Não... Não precisei escrever meu apelido nesse buquê... Ah... você sabe... Mas dessa vez acho que colocaria “*Stitch*”... Bom, se eu colocasse *Stitch* seria no destinatário... haha... É... não tem chovido muito por aqui... Domingo sempre tem aquele futebolzinho chato. Eu sei, pra você não era chato. Não me culpe. Eu não gosto de futebol... Sim... eu sei, você também sabe que sim... ainda lateja dentro do meu peito... Faz tudo se tornar mais simples, mesmo longe. Faz o trânsito ficar mais calmo e as aulas ficarem mais dinâmicas. Você não é uma lembrança amarga. A morte não te vence, ela te guarda. Do mesmo jeito que, você sabe...que as estrelas sentem inveja de você. Elas te observam ainda, eu sei. Eu sempre soube, desde o começo...E aquela história de procurar alguém...tantas histórias entre tantos...nossas letras...Aqui está...Sim, eu cuido de tudo. Me viro bem...Finjo bem. O duro é dormir sem suas mãos nas minhas costas ou lembrar de você reclamando que eu acabei com seus biscoitos...É...É. Estou de mudança...Não sei pra onde exatamente...Mas não importa...Agora sou um novo Alessandro...apesar de ser o mesmo velho precoce...apenas não forço situações...Deixo tudo como está...fico no meu canto...Você sabe...Acho que tenho permitido, dia após dia, que você vá embora...”

Ainda fico algumas horas, mas dessa vez, em silêncio. Não há mais espaço para palavras. Sem dúvida, ela não suportaria.



Caminho sem noção do espaço. O tempo não me interessa também, mas passam das cinco da tarde. Ela estaria saindo do trabalho, penso.

Páro. Horas mortas. Ela, morta. Eu morri faz tempo também.

...

O filho que ela deixou não é meu, mas será. Os advogados não falham. Será de vez. De vez porque família nunca se esquece, nem se abandona. Ele tem cílios lindos e as sobrelanceiras bagunçadas. O gênio é forte, mas o coração é leve.

E só por ela eu faria isso... Por ela, pra ela. Só por ela, mais de mil vezes. Só por eles dois agora... Sim...? Talvez eu não fique tão só até os oitenta anos.

E enquanto aperto os olhos, sentindo o sal das lágrimas umedecendo meus lábios, eu penso em um de seus grandes feitos nessa vida...

“A Via láctea eu já roubei pra você”.

...